

DA CULTURA DAS DISCIPLINAS

Eneida Leal Cunha

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: *A partir dos debates que ocorrem nos últimos anos entre os pesquisadores brasileiros do campo dos estudos literários, acerca da influência, entre nós, dos Estudos Culturais de matriz anglo-saxônica, empreende-se uma análise de aspectos nucleares das definições dos atuais programas de pós-graduação em Letras, com base nos registros da CAPES, buscando dimensionar e avaliar – nas áreas de concentração, linhas de pesquisa, resumos de projetos e estruturas curriculares – os efeitos e as resistências que encontram alguns traços mais incisivos daquela vertente de estudos, tais como a ampliação dos horizontes de abordagem ou de eleição de objetos de investigação, a perspectiva transdisciplinar e o permanente embate teórico com as tradições disciplinares instituídas.*

Palavras-chave: estudos culturais; pós-graduação em Letras.

ABSTRACT: *From the debates that have been taking place in the last years among Brazilian researchers who work in the field of literary studies about the influence of the British school of Cultural Studies, we develop an analysis of important aspects in the general profile of the post-graduate programmes in Humanities/Languages and Literatures¹⁸, collected from the CAPES database; we try to evaluate – from our investigation in the concentration areas, research interests, summary of research projects, and course description – the effects and resistance that can be found more strongly¹⁹ in this area of Cultural Studies, such as the widening of the horizon of approaches, the choice of new objects of research interest, the transdisciplinary perspective and the permanent theoretical debate/conflict with the traditionally conceived disciplinary fields*

Keywords: cultural studies; post-graduate programmes.

Da programação do XIX Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em julho de 2004, constou um simpósio com título incisivo, Dilemas do pós-disciplinar, cuja breve descrição, proposta por um grupo de pesquisadores, em primeiro lugar, postulava: “Na atualidade, já pode ser considerado lugar-comum a defesa da inter, da trans e até mesmo da pós-disciplinaridade nos discursos produzidos pela academia. Entretanto, este posicionamento frente ao

18 In Brazilian universities(?); sylvia, nunca sei traduzir LETRAS; aí vai minha sugestão.

19 achei um pouco vago. Traduzi ao pé da letra.

trânsito entre os saberes se tornou hegemônico, sem que isso implicasse uma modificação institucional da universidade brasileira, que, salvo algumas raras tentativas de reestruturação, mantém-se presa ao modelo moderno que a inspirou”.

Em seguida, apresentava-se uma série de questões relativas ao saber e ao posicionamento do intelectual na contemporaneidade, que finalizavam com uma pergunta provocativa: “Os Estudos Culturais constituem um instrumento democrático de abertura à heterogeneidade dos bens simbólicos produzidos pelos diversos atores sociais ou representam uma apropriação populista de tais produções pela academia?”.²⁰

A formulação e o conteúdo da ementa do simpósio indubitavelmente retomavam a temática central do Congresso da Abralic de 1998²¹, quando respondi a pergunta que deu título ao evento, avaliando os “ímpetus pós-disciplinares” compartilhados, entre nós, pela Literatura Comparada e pelos Estudos Culturais.

Seis anos depois, portanto, continuava na pauta da área de Letras a necessidade de compreender e de avaliar a entrada dos Estudos Culturais na cena acadêmica brasileira. Tal inquietação, aliás, persiste até os nossos dias, pois cada vez mais se amplia e sedimenta a percepção de que, a partir deles, pode-se constatar tanto uma instigante ampliação do horizonte de acolhimento de abordagens e de novos objetos, especialmente

nos empreendimentos intelectuais feitos por especialistas em Literatura, quanto a circulação de uma espécie de expressão mágica, que muitas vezes é sacada das chaves classificatórias de área – para identificar pesquisas, teses, publicações e cursos –, como alternativa de legitimação do que é imprevisto e inovador ou, ao contrário, apenas como estratégica validação do que é vago, impreciso, incipiente.

Em qualquer desses casos – embora com significação diferenciada –, penso poder avaliar a crescente penetração dos Estudos Culturais na universidade brasileira como uma via de “facilitação”. Por um lado, no sentido em que Freud utiliza este termo na sua reflexão inicial sobre a máquina psíquica para descrever seu funcionamento. Denomina “facilitação” a incisão, o caminho aberto na superfície neuronal pelo impacto de uma impressão, concebida esta enquanto quantidade de energia psíquica posta em circulação²². A via aberta por esta incisão permite a catexia de traços mnêmicos e, conseqüentemente, a possibilidade permanente da ressignificação. Retomo a descrição freudiana porque, em parte, o impacto dos Estudos Culturais entre os estudiosos das Letras no Brasil, além de forte impressão, pode significar também o estímulo – o caminho facilitado – para que sejam revistas, reavaliadas e ressignificadas muitas práticas e eleições disciplinares. Por outro lado, um segundo uso do termo “facilitação” é também providencial aqui, desta vez inteiramente aderido à coloquialidade e se referindo, evidentemente descartado o valor

20 TRAVESSIAS, IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. Programa; Resumos. Porto Alegre: Abralic, 2004. p. 297.

21 VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC (Florianópolis, UFSC) cujo tema foi expresso na pergunta: “Literatura Comparada = Estudos Culturais?”.

22 Freud, S. Projeto para uma psicologia científica. In Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1977. V.1. Coleção Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

moral negativo, ao recurso a estratégias de burla, de driblar, para contornar dificuldades que se interpõem em algum percurso ou prática desejada.

Apesar de reiteradamente presente nos debates e da sua influência nas produções intelectuais da área, os Estudos Culturais, no Brasil, como postulou o simpósio, estão longe de afetar com consistência a disciplinaridade vigente no âmbito das definições mais gerais da pós-graduação em Letras, como pretendo desenvolver, considerando as informações dos programas de pós-graduação constantes dos documentos que ensejam a avaliação continuada do sistema nacional pela Capes. Com a ressalva prévia e relevante de que todas as apreciações ou juízos emitidos neste diagnóstico são da minha inteira e exclusiva responsabilidade, até porque a avaliação nacional do sistema, embora não se limite a aspectos quantitativos, não abarca – e nem poderia fazê-lo – o dimensionamento dos investimentos intelectuais do ponto de vista das vertentes de pesquisa e de produção privilegiadas pelos programas.

A primeira sistematização disponível, que permitiu visualizar a incidência de referências aos Estudos Culturais ou o paulatino ingresso do termo “cultura” na definição de linhas de pesquisa e de áreas de concentração dos programas foi o levantamento coordenado pelo Professor Antonio Dimas (USP), enquanto Representante de Área na Capes, e apresentado em 2002 no Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, a ANPOLL, em Maceió, a propósito da revisão e da eventual ampliação do elenco de denominações possíveis para as subáreas e especialidades em Letras, para uso das agências oficiais de registro, avaliação e fomento – questão que hoje ocupa todas as áreas do conhecimento, em processo de reformulação, liderado

pelo CNPq. O quadro resultante surpreende em dois aspectos, pela incidência e pela distribuição, geográfica e institucional.

Paradoxalmente, o mapeamento evidencia que a referência explícita aos Estudos Culturais está ausente em programas de pós-graduação nos quais o impulso para a crítica cultural, para eleição de objetos de investigação no amplo domínio da cultura ou para a investigação da dimensão cultural da Literatura predomina – a exemplo da UFMG, da UFSC, da UFBA ou da PUC-Rio, as três primeiras tendo sediado a ABRALIC, que reconhecidamente se tornou o grande fórum do debate disciplinar na área de Letras. Por outro lado, a referência aos Estudos Culturais enquanto linha de pesquisa pode ser encontrada em programas de pós-graduação mais recentes, ratificando a ponderação de Fredric Jameson²³ a propósito do primeiro grande esforço para sistematização do campo, em perspectiva internacional, feito em 1990, na Urbana-Champaign Conference on Cultural Studies, que resultou na coletânea organizada por Lawrence Grossberg, Cary Nelson e Paula Treichler²⁴, objeto de sua apreciação minuciosa e crítica. Jameson considera que, se existe alguma razão para a institucionalização dos Estudos Culturais como disciplina na academia, ela é de interesse exclusivo dos jovens pesquisadores, que precisam de um rótulo ou de um abrigo que dê legitimidade acadêmica aos estudos dissonantes que vêm empreendendo.

23 JAMESON, Fredric. Sobre os estudos da cultura. In **Novos estudos** CEBRAP, n.39, p.11-48, julho 1994.

24 GROSSBERG, L., NELSON, C., TREICHLER, P. (ed.). An introduction. In **Cultural studies**. London/New York: Routledge, 1992.

Decorre, entretanto, da minha participação, entre 2001 e 2004, na Comissão de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação na área de Letras e Linguística, a possibilidade de acesso direto ao CDROM, com os dados relativos a todos os programas, que constitui uma segunda base de observação e possibilita uma visão relativamente mais detalhada de como os Estudos Culturais, a Crítica Cultural ou mesmo o investimento intelectual nas temáticas relativas à cultura vem ocorrendo nos 77 programas que existiam no país até 2003, envolvendo cerca de 1.300 docentes e mais de 4.000 discentes²⁵.

Um único mestrado, criado em 2002 na Universidade Federal de São João Del Rei-UFSJ, Minas Gerais, incorpora na sua denominação, com perspectiva claramente disciplinar, os estudos da cultura (programa de pós-graduação em Teoria da Literatura e Crítica Cultural); e apenas mais dois programas explicitam o investimento na dimensão cultural desde sua denominação: Literatura e diversidade cultural, mestrado da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, no semi-árido baiano, criado em 2000; e o mestrado em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul, criado em 2002. Deve-se considerar, nestes casos, a data recente dos programas, instalados em cidades médias, como- parte do processo de interiorização das alternativas de formação pós-graduada. A autorização de funcionamento de novos programas pelo sistema nacional de acompanhamento exige empenho considerável e uma justificativa fundada na especificidade e na relevância regional, além da demonstração clara

de que os cursos de pós-graduação a serem oferecidos se diferenciam dos existentes em cidades próximas. Apesar da distância geográfica entre a Bahia e o Rio Grande do Sul, os dois programas convergem pela ênfase num entorno cultural peculiar, mas suas características de funcionamento não estimulam muita confiança numa perspectiva inovadora. A estrutura curricular, os conteúdos programáticos e as abordagens privilegiadas nas pesquisas seguem a tendência disciplinar dominante na área. Em todo o conjunto, apenas dois programas (o mesmo da UEFS e outro na UFPB) incluem a dimensão cultural em uma de suas áreas de concentração, mas em ambos a combinação “Literatura e cultura” – como entidades estanques que são aproximadas – é indicadora de uma certa distância da compreensão de cultura que os Estudos Culturais herdaram da modelagem marxista de Birmingham e, principalmente, da Antropologia.

A parca referência aos Estudos Culturais ou à Crítica Cultural nesse nível de estruturação dos programas (nas áreas de concentração), onde mais persistente e generalizada é a identificação das vertentes disciplinares tradicionais do campo dos estudos literários – Teoria da Literatura, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura Comparada, História da Literatura, etc – é inteiramente previsível, e confirma, simultaneamente, três aspectos da questão. Primeiro, válida a premissa do simpósio da Abralic retomada no início desta reflexão, que aponta a distância entre os discursos em defesa dos trânsitos ou confluências disciplinares e a organização acadêmica da pós-graduação, cuja resistência decorre da tradição disciplinar e também das relações de poder estabelecidas na

25 São cerca de 3.900 discentes autores. O Data Capes só recebe registros sobre estudantes a partir das suas publicações ou dos trabalhos de finalização de curso.

universidade – ou da prevalência da “cultura das disciplinas”. Em segundo, confirma o que se vem repetindo, há algum tempo, sobre a escassa propensão dos Estudos Culturais, no Brasil, a se institucionalizarem ou “disciplinarizarem”, o que representa um diferencial bastante nítido em relação ao que ocorreu nas universidades norteamericanas. Por último, como aspecto mais problemático, o reconhecimento de que correm em paralelo o vigor dos debates que vêm envolvendo muitos dos que atuam na área, com clara repercussão nos estudos empreendidos, e o vigor da academia para preservar as suas definições institucionais sedimentadas. Como consequência desse embate entre transformação e conservação, têm-se pelo menos dois saldos que, felizmente, podem ser considerados positivos: a emergência atual dos novos programas multidisciplinares de pós-graduação, que estão a acolher os investimentos intelectuais mais insubordinados em relação à disciplinaridade vigente, e a crescente transformação dos eventos de áreas em espaços privilegiados para a discussão dos estudos que se alimentam – e enriquecem – da ultrapassagem das fronteiras dos territórios do saber.

Quanto se trata de linhas de pesquisa com definição menos disciplinar e mais adstrita à convergência dos recortes de investigação desenvolvidos, entretanto, o cenário é outro. São 22 os programas de pós-graduação que definem como pólo de aglutinação de projetos a problemática cultural, e em boa parte deles a referência à cultura comparece em mais de uma linha.

As alterações mais visíveis e a introdução da dimensão cultural mais consistente entre as prioridades atuais no campo das Letras, como não poderia deixar de ser, são perceptíveis no extenso

rol de projetos de pesquisa em andamento. No ano base de 2003 foram informados cerca de 2.350 projetos, entre os quais se pode entrever, de imediato, a radical ampliação do campo dos objetos de investigação, que vem acontecendo desde o início da década de 90; ou, dito de outra forma, é nos projetos de pesquisa que se expõe o expressivo deslocamento do foco das *belles lettres* para outras produções simbólicas, com ênfase especial nas linguagens ditas massivas.

Paralela à diversidade ou pluralidade dos *corpora* investigados, constata-se também nos projetos de pesquisa a dominância de algumas questões, tais como a problemática identitária, nas suas mais variáveis modulações, a circulação social dos bens culturais, os diálogos entre vertentes ou instâncias da produção cultural. Nesse conjunto, tem destaque a quantidade de projetos voltados, por um lado, para o resgate ou a avaliação da memória cultural – em que pese o espectro relativamente amplo de significações, discursos e bens imateriais que esse sintagma recobre; por outro, para a investigação da alteridade – alvo e inúmeros investimentos analíticos, embora em muitos casos tenha-se que admitir uma certa imprecisão no uso deste conceito.

Uma panorâmica sobre os projetos de pesquisa em andamento pode produzir algumas ponderações que auxiliam a compreensão do “estado da arte” da pós-graduação em Letras e os seus diálogos com os estudos da cultura. A primeira delas, e talvez a mais grave, é que a abertura para a dimensão cultural e a incorporação dos Estudos Culturais na área de Letras, como alternativa ao esgotamento do modelo disciplinar, não parecem ter sido capazes de estimular aquilo que, há alguns anos, procurei caracterizar, na esteira da já referida

avaliação de Fredric Jameson, “Sobre os estudos da cultura”, como uma ‘pós-disciplinaridade forte’²⁶.

O sentido forte da condição pós-disciplinar, a meu ver, teria dois requisitos. O primeiro, sugerido por Lyotard quando, na contramão do que se tornou lugar comum na reflexão sobre a contemporaneidade, leu positivamente a ação das vanguardas históricas como “uma espécie de trabalho, longo, obstinado, altamente responsável, orientado para a procura das pressuposições implicadas na modernidade”²⁷. O que não se delinea com nitidez nas perspectivas de investigação que são lidas nos relatos de pesquisa dos programas de pós-graduação em Letras é exatamente um trabalho análogo, em relação à disciplinaridade moderna que ainda neles prevalece, de avaliação dos pressupostos e valores instituidores das abordagens tradicionais. Em síntese, o sentido forte para o pós-disciplinar, ou para qualquer outro termo alusivo ao nosso tempo construído com a partícula ‘pós’, deveria implicar uma crítica – como força perlaborativa, como posterioridade, como “processo em *ana* - processos de análise e de anamnese, que façam vir a tona as motivações e o valor dos valores, que elabore o esquecimento inicial”²⁸.

Em segundo lugar, além de transformar a insatisfação com a disciplinaridade instituída em eficácia crítica e desconstrutora – através de sua decomposição, reavaliação, transvaloração e transformação –, seria preciso que, simultaneamente,

fossem extrapolados também os limites da própria questão disciplinar e da atividade intelectual, tal qual se definiram na universidade moderna, lúcida, mas confinada ao diálogo entre pares. Para violar as fronteiras e buscar estar a altura de alianças e diálogos eficazes com outros grupos sociais, com aqueles que muitas vezes elegemos, à distância, como nossos objetos de interesse acadêmico ou científico, seria preciso um significativo investimento na dimensão política da responsabilidade intelectual. A fraca politização e a fragilidade ou a escassez da interlocução entre a academia e a sociedade – que ainda caracterizam especialmente a área de Letras –, dão margem para que se cogite, como fez a provocação do simpósio, acerca de uma “apropriação populista”, pelos pesquisadores universitários, de discursos e experiências que foram gerados por indivíduos ou grupos sociais que não têm acesso muitas vezes à cidadania e menos ainda à “cidade letrada”. Neste aspecto, pode-se lamentar que a via principal de introdução dos Estudos Culturais em nosso meio tenha sido primordialmente a universidade norteamericana e não a britânica, como ocorreu, por exemplo, com a área das Ciências Sociais. Perdemos, por isso, uma parte da herança do ímpeto inaugural, politizado e democratizante, do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, e só mais recentemente intelectuais como Stuart Hall passaram a ter influência efetiva sobre os estudiosos brasileiros na área de Letras. Pois é dele a advertência no sentido de que a questão central, para os novos estudos da cultura, está na forte articulação entre a teoria e a política²⁹.

26 CUNHA, Eneida Leal. Literatura Comparada e Estudos Culturais: ímpetus pós-disciplinares. In ANTELO, R et alii. *Leituras do ciclo*. Florianópolis: ABRALIC, 1999.

27 LYOTARD, J-F. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: D. Quixote, 1987. p.979

28 idem, p. 98

29 HALL, S. Estudos Culturais e seu legado teórico. In *Da diáspora; identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 199-218.

Apesar da passagem a outras modelagens, a outros perfis de objeto, a outros sistemas de valoração que podem ser lidos nos resumos dos projetos de pesquisa, são raros os estudos empreendidos em nossos programas de pós-graduação que contemplam reflexões agudas – no bom sentido, reflexões intempestivas e impertinentes – sobre o próprio campo, seu objeto consagrado – a Literatura – e os valores e circunstâncias que os formaram. Mais expressivo ainda é o pequeno investimento na auto-reflexividade, a facilidade – ou a “facilitação” – com que novas certezas, novos paradigmas e novas eleições se instalaram, desamparadas da potência teorizante que talvez seja uma parte da nossa melhor herança.

A outra boa herança da tradição das Letras preterida é inquietante. Em campos como a História, a Sociologia e até na Antropologia, a crise disciplinar e a emergência dos Estudos Culturais ocorreram articuladas, de alguma forma, ao confronto com a textualidade do mundo e do próprio conhecimento produzido, o que vem direcionando a atenção dos estudiosos dessas áreas para o sofisticado instrumental desenvolvido no âmbito das Letras e especificamente dos Estudos Literários, para compreender e operar com a matéria discursiva. Paradoxalmente, nas Letras, é impossível desconhecer, ressalvadas as exceções sempre existentes e honrosas, o crescente empobrecimento da capacidade de leitura e de análise, principalmente nos jovens pesquisadores e pós-graduandos, seja qual for a superfície discursiva contemplada. Velhas e triviais lições, como a relevância do estudo das formas ou a estratégica opacidade da linguagem literária, parecem ter sido descartadas, quando poderiam ser sido reelaboradas, recicladas mesmo, para

outros modos e outras circunstâncias de uso.

Para além da pluralidade inovadora dos objetos de investigação, que se pode ler nos projetos de pesquisa, existem ainda dois outros itens dignos de atenção no quadro geral da pós-graduação em Letras, favorecidos pelas características do formulário Capes para o relatório anual dos programas, que estimulam ou exigem informação mais completa, menos quantificada: a Proposta do Programa e o elenco de disciplinas oferecidas, com respectivas bibliografias.

Na primeira (a proposta), usualmente encontram-se, além de breve histórico, os objetivos e metas do programa e o detalhamento de sua estrutura curricular. Embora não tenha feito um levantamento estatístico da incidência, é possível assegurar que raro é o programa que não afirma enfaticamente, na sua descrição ou entre seus alvos, a perspectiva inter, multi ou transdisciplinar dos estudos. No entanto, o exame da estrutura curricular da maioria absoluta dos cursos de mestrado e doutorado hoje oferecidos no país expõe a vigência da mais segmentada, rigorosa e tradicional disciplinaridade, além da persistência de um funcionamento que eu diria fortemente escolar, pelo seu caráter fechado, controlado, altamente dependente da sala de aula convencional e da autoridade guia de um docente. São raros os exemplos de estruturação curricular flexível ou aberta à composição com outras áreas do conhecimento.

Todos aqueles que têm alguma experiência de orientação conhecem, por exemplo, as dificuldades enfrentadas pelos pós-graduandos cujos projetos de dissertação ou tese exigem uma abordagem da cultura implicada em processos históricos concretos, ou da cultura como um conjunto de relações complexas, que se conectam,

em mão dupla, a mudanças sociais, políticas e históricas. Ou os impasses enfrentados por pesquisadores (discentes e docentes) cuja formação esteve toda ela confinada nos domínios especialíssimos e elitizados do cânone literário e disciplinar, para o enfrentamento crítico das produções massivas e contemporâneas, ou das expressões da alteridade cultural e social. Na melhor das hipóteses, muitas vezes o que lemos como resultado desses investimentos analíticos está próximo ou é um análogo do áspero diagnóstico de Alberto Moreiras para o tratamento que a academia letrada norte-americana predominantemente deu aos textos do testemunho, que havia acolhido com entusiasmo em substituição aos textos literários canônicos³⁰: o risco das leituras auráticas – porque estruturadas exclusivamente a partir do instrumental e do acervo da pesquisa do valor estético – de textualidades que designa como “pós-auráticas”, no sentido de que são produzidas no exterior das delimitações definidoras da obra de arte na cultura da modernidade.

Como contrapartida aos aspectos deste diagnóstico ou desta apreciação “do estado da arte” das Letras que visivelmente tendem a um certo desencanto, quero reafirmar ao final, ainda assim, a minha expectativa positiva em relação a um conjunto de textos, estudos, debates, *insights*, investigações atualmente reunidos, à revelia das definições de especialidade ou dos códigos de sub-áreas existentes, sob o rótulo de Estudos Culturais ou, como prefiro, da Crítica da Cultura, os quais podem ter interesse considerável para a

“facilitação” da “indisciplina” ou de uma prática pós-disciplinar na área. Justamente porque foram produzidos, de alguma forma, no exterior dos nossos territórios disciplinares tradicionais – e podem ser considerados também como no exterior de outros territórios disciplinares como a Sociologia, a Antropologia, a História e os estudos de Comunicação –, têm potencialmente, mesmo que em prazo mais longo, o poder de acumular pequenos abalos que resultarão por fazer circular, nos programas de pós-graduação, a vontade de revisão e de transformação das definições institucionais na área de Letras. Entre esses estudos bem-vindos, elejo como de maior interesse aqueles que se dedicaram a operar diferencialmente a análise da própria Literatura, pois, ao fim e ao cabo, é ela, no meu entender, que mais urgentemente precisa ser liberada “da cultura das disciplinas” – o título é de um compêndio do século XVIII, as **Preleções do direito pátrio**, de Francisco Coelho de Souza Sampaio, que, por fortuita ironia, caiu-me nas mãos enquanto computava os dados dos relatórios Capes.

30 MOREIRAS, A. A aura do testemunho. In **A exaustão da diferença; a política dos estudos culturais latino-americanos**. Belo Horizonte, Ed: UFMG, 2001. p.249-282.